

A função recursiva e a Teoria da Atividade segundo Wolfgang Jantzen: relato de mini-curso seguido de entrevista

Maria Sílvia Cintra Martins¹

Estive na PUC/SP nos dias 22 a 25 de junho deste ano de 2009 para participar do mini-curso proferido por Wolfgang Jantzen. O evento foi promovido pelo LAEL - Programa de Estudos Pós-Graduados em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem - e tinha como título “Introdução ao pensamento sobre a teoria da atividade histórico-cultural” (“Introduction into thinking of cultural-historical and activity theory”).

Jantzen me encantou pela complexidade de sua própria personalidade, que integra profunda erudição e profundo humanismo, simultaneamente. Em uma das perguntas que lhe fiz, questionei-o sobre sua afirmação de que a cultura geral é plenamente transmissível a todos. Minha pergunta tinha origem em minhas próprias dúvidas a respeito da universalização do conhecimento acadêmico que construímos na universidade. Como de fato seria possível torná-lo acessível a todos?

Com seu ar reflexivo, e remetendo-me sempre a um quê freireano – aliás, demonstrou repetidamente sua simpatia e respeito pelo educador brasileiro – Jantzen me asseverou que, sim, de fato, todo o conhecimento pode ser compartilhado, variando apenas no modo, ou na modalidade com que isso se dá. Essa palavra – “mode” – foi frequentemente utilizada no decorrer do curso, para aludir a algo mais do que a palavra “modo” no senso comum parece significar. Muito do que Jantzen fala tem a ver com vibração.

Todos ficamos absolutamente perplexos com a abrangência de suas referências que passavam por Leibniz, Kant, Hegel, Husserl, Marx, Spinoza, Gramsci, Luhman, Cassirer, Vygotsky, Bernstein, Ilyenkov, Leontiev, Luria, Davydov, Galperin, Bakhtin, Bourdieu, Paulo Freire, Engeström, e uma série de outras tantas referências no campo da neurociência, da física, da cibernética: Varela, Maturana, Heinz von Foester, Koshland, Anokhin, Uchtomsky, Pribram... Sentíamos-nos fascinados e também um tanto constrangidos diante de nosso próprio desconhecimento, mas Jantzen mostrou-se, a todo instante, paciente e generoso,

¹ Professor Adjunto do Departamento de Letras da UFSCar. Líder do Grupo de Pesquisa (CNPq) “Estudos em linguagem, etnicidade e estilo”. Pesquisadora vinculada ao Grupo de Pesquisa (CNPq) “Letramento do Professor”.

pronto para fazer retomadas ou tornar a explicar certos pontos que nos escapavam...

Seguem alguns breves e sugestivos excertos das anotações que realizei no decorrer do curso de Jantzen e, mais adiante, uma seleção dos trechos mais marcantes da entrevista que me concedeu ao final do mini-curso.²

“Estamos dentro do processo, daí ser sempre difícil objetivá-lo.”

“A mercadoria é o centro, é a unidade para Marx; a unidade corpo/mente no mundo é o centro em Spinoza.”

“A função recursiva está sempre presente, de tal forma que dá-se a auto-similaridade dos produtos, que são criados e voltam para o processo.”

“Mesmo as bactérias têm intencionalidade – elas estão organizadas no tempo; também os seres humanos se organizam no tempo.”

“As bactérias não estão apenas organizadas ou determinadas geneticamente. Também o são epigeneticamente, ou seja, é no tempo e no espaço que a bactéria reage e certa membrana é criada de acordo com as necessidades do ambiente. Há um reflexo antecipatório.”

“Todo ser vivo se caracteriza por uma oscilação entre corpo e mente – coordenar a estrutura oscilante equivale a coordenar as emoções, o que implica o controle da energia interna e externa, em espaços-tempos distintos e com diferentes vibrações.”

“As emoções são estruturas oscilantes. Há dois espaços-tempos que interconectam os mundos ou as esferas internas e externas: temos que nos orientar a cada instante.”

“A base da sociabilidade é a ressonância/consonância – é o que gera a reciprocidade (e está na base do dialogismo bakhtiniano).”

“Os seres vivos perdem energia para poder ganhá-la. Os seres humanos constroem um espaço social – cronotopo – do qual partem os sentidos/significados sociais.”

² Menciono aqui a contribuição de Jefferson Santos de Araújo, graduando em Pedagogia (UNESP/Araraquara) e bolsista PIBIC/UFSCar, que realizou parte da transcrição e tradução da entrevista. Lembro que tive que executar várias adaptações na hora da transcrição final da entrevista, pela dificuldade de dar conta de todos os trechos de forma precisa; porém, posteriormente, submeti o texto ao professor Jantzen de forma a obter sua autorização para esta publicação.

“O diálogo se dá nos sentidos (“sense”) e nos significados (“meaning”): no sentido (“strictu sensu”) há ressonância, coordenação de emoções; no significado (“latu sensu”) há reciprocidade – e aqui temos o diálogo bakhtiniano propriamente dito - mas não podemos desprezar a conexão existente entre sentido e significado. No primeiro caso, estamos diante da ressonância no sentido estritamente físico; sobre essa ressonância primeira é que se cria a reciprocidade. Temos aí dois sentidos diferentes e complementares da palavra ‘atividade’: ‘activiness and activity’; ‘Aktivität und Tätigkeit’.”

“O sentido implica diferenciação com base em sentimentos (“hedonalgic differentiation”); o significado implica diferenciação semântica e passa a envolver conteúdo temático.”

“As três vertentes clássicas do realismo, do nominalismo e do idealismo vêem o universo como coisas, e não como processos. Uma nova tradição que passa por Hegel, Marx, Spinoza, Vygotsky começa a ver as coisas como resultados de processos, sempre em mudança, em transformação.”

“Na linha da reflexão de Spinoza, teremos: CONATUS como matéria em movimento, como potência de existir na luta pela sobrevivência; APPETITUS, como necessidade, impulso (“drive”), unidade psicossomática, envolvendo intencionalidade e antecipação; CUPIDITAS, como motivo, desejo (“desire”), unidade psíquica: ‘*Cupiditas* is drive with conscience of it’ (‘*Cupiditas* é impulso dotado de consciência’).”

“Aprendemos a nos tornar humanos e a desenvolver auto-responsabilidade por meio dos sentimentos: daí a necessidade de aprender em ambientes em que as relações humanas não sejam reprimidas ou excluídas.”

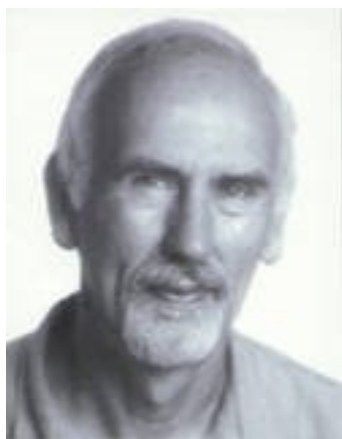
“Sentimo-nos humanos porque temos experiências emocionais como humanos.”

“A regra de ouro de Spinoza (“golden rule”): Nós somos responsáveis pela existência de Deus, ou seja, temos que criar Deus continuamente – Deus não é uma essência, é recriado através dos modos. Na mesma medida, precisamos aprender, na prática do dia-a-dia, a amar o próximo como a nós mesmos: ‘to become man of mankind’.”

“Quem não pode suportar a crise não pode ser bom professor.”

“Só se aprende quando a mente está emocionalmente aberta.”

“A linguagem é um corpo em movimento ('a living body'), e não uma estrutura. Os significados mudam, transformam-se constantemente.”



Wolfgang Jantzen é doutor em Filosofia, psicólogo e professor da educação especial. É professor na Universidade de Bremen na área de Teoria Geral sobre Educação Especial e Inclusão. Aí desenvolveu, no período de cerca de 30 anos, uma teoria bastante complexa na linha da reflexão histórico-cultural, do Marxismo e do Spinozismo. Já publicou mais de vinte livros e 400 artigos. Mais detalhes serão encontrados em: <http://www.basaglia.de/> Na abertura da página, consta, em alemão, a frase clássica de Marx:

“Até agora os filósofos interpretaram o mundo de diversas formas, cabe a nós transformá-lo” (Karl Marx, 1845).

Maria Sílvia: Para muitos teóricos, chamados pós-modernos, o marxismo é considerado ultrapassado, particularmente no que se refere aos conceitos de trabalho e classe operária. Como o senhor vê essa questão?

Wolfgang Jantzen: Não acredito que possamos considerar que Marx não é realmente moderno. Ele apontou para a auto-similaridade no desenvolvimento da sociedade a partir das fases primordiais e para a mercadoria como unidade dialética fundamental. Esta consiste na unidade dialética do valor de uso e do valor propriamente dito: através do trabalho concreto se produz valor de uso; do trabalho abstrato, valor. A base do valor de uso é o trabalho concreto; completando a unidade dialética da mercadoria Marx usa a noção de trabalho abstrato. Sobre o trabalho abstrato podemos lembrar que Marx e Engels tinham em mente o conceito de trabalho da Física de sua época, especificamente a Termodinâmica que se preocupava com o fluxo de energia nas máquinas. Assim sendo, o trabalho é o resultado do fluxo de energia em uma matéria e o que provoca sua transformação.

Trata-se de um processo de transformação em que parte da energia se dissipa numa forma mais entrópica: como no caso do carvão que ao produzir calor se desfaz na forma de cinzas. Então, obtemos energia para fazer um trabalho concreto, mas no processo de trabalho abstrato perdemos algo. Ou melhor: na verdade não perdemos, mas a energia se transforma de modo que provoca a transformação da matéria. Nesse sentido, quando se produz valor de uso, o nível de energia decai e é necessário que seja restabelecido.

Maria Sílvia: Mas alguns dos que criticam Marx alegam que não podemos mais pensar no trabalho como atividade fundamental...

Wolfgang Jantzen: Eles não entendem de Física. Todo processo de transformação da matéria tem uma base física. E a base é a energia transformar a matéria. Sem a transformação da energia não há trabalho em lugar algum. Podemos utilizar recursos naturais para isso, podemos usar máquinas, não precisamos usar nossa própria energia de forma mais direta. O que ocorreu no desenvolvimento da história prova isso, visto que no passado precisava-se de muitas pessoas que trabalharam duro, duro, duro...

Maria Sílvia: E sobre não haver classes? Considera-se que hoje não há mais classes sociais...

Wolfgang Jantzen: Nós temos classes, mas o problema é como defini-las. A definição de classe não é dada pelo trabalho, mas pela sua exploração. Essa é a base para definir. No nosso sistema todo o dinheiro tem que ser investido na produção para gerar valor de uso e mais-valia. Assim, nos encontramos numa situação perigosa em que o capital acumulado está todos os dias sujeito à especulação. Além disso, nossas reservas naturais de energia não são ilimitadas, elas estão se esgotando, o que põe nosso planeta em risco.

Maria Sílvia: Por outro lado, se, ao que parece, particularmente na linha do pensamento da Escola de Frankfurt, não podemos mais ver o proletariado como classe revolucionária, qual seria então a classe que teria o potencial para a transformação?

Wolfgang Jantzen: Esta questão é muito, muito importante. De acordo com o entendimento clássico a respeito da classe trabalhadora, ela foi pensada como o elemento mais importante, mas se olharmos no manifesto do partido comunista, veremos que a educação dessa classe é também tida como de importância

fundamental. Isto está presente também em Gramsci, mas grande parte do partido comunista deixou esse contexto de lado.

Maria Sílvia: Então a educação adquire uma importância fundamental nesse processo...

Wolfgang Jantzen: A educação, a inteligência como parte das classes sociais, a inteligência orgânica da classe trabalhadora é que vai construir uma humanidade sem opressão. Esse é o pensamento comunista - em Gramsci isto está claro, nas “Cartas do Cárcere” essa questão foi retomada, a possibilidade do intelectual do proletariado. Daí deriva também a responsabilidade dos intelectuais.

Maria Sílvia: E como fica a questão filosófica presente na Escola de Frankfurt – Adorno, Horkheimer – quando falam do poder da mídia, de um mundo dominado pela comunicação em massa?

Wolfgang Jantzen: Em certo sentido isso também faz parte do pensamento dialético, na medida em que temos um lado escuro e um lado claro. Por isso também precisamos pensar que nem tudo é racional; além do lado racional, além da razão, temos também a vulnerabilidade do ser humano. Temos que levar em conta a vulnerabilidade geral de todo o ser humano. Este é o lado escuro: como pôde acontecer que o fascismo pudesse ter lugar, por exemplo? Como pensar em Auschwitz? Há problemas enormes que precisam ser superados. Daí a responsabilidade de cada ser humano, pois cada ser humano tem uma potência messiânica. Na linha do pensamento de Spinoza, nós somos responsáveis pela criação de Deus. E só podemos criar Deus através de trabalhos humanizadores. Se pensarmos na noção famosa presente no manifesto comunista, de que o desenvolvimento livre de cada um é a base do desenvolvimento livre de todos, isto também significa que temos que lutar contra todos os poderes de opressão. Temos que refletir, então, sobre o que é a razão. A razão é uma função social, um processo social. Se reduzirmos as funções sociais, cairemos no individualismo; se, por outro lado, superestimarmos o lado social, cairemos no estruturalismo – temos o exemplo clássico do pensamento de Althusser, o famoso pensador marxista francês. Temos que levar em conta o lado dos indivíduos e também o lado da sociedade. Nesse sentido, temos o pensamento de Spinoza e o pensamento de Marx, e temos que considerá-los juntos.

Maria Sílvia: Não sei se eu entendi: o senhor quer dizer que Althusser modificou o pensamento de Marx?

Wolfgang Jantzen: Althusser é um tipo de marxista estruturalista. Não que deixe de ter interesse, eu nunca digo isso...

Maria Sílvia: E a respeito de Bakhtin?

Wolfgang Jantzen: De fato eu não estudei tanto Bakhtin quanto estudei Vygotsky ou Spinoza, então posso dizer alguma coisa, mas terei que estudar mais, mas o que me parece mais interessante é o fato de ele pensar em termos de espaço e tempo, o assim chamado cronotopo é muito interessante. Também considero interessante a forma com que ele leva em consideração os processos individuais, fazendo a interconexão entre monologia e dialogia.

Maria Sílvia: E ele faz referência às memórias do passado e do futuro...

Wolfgang Jantzen: Sim, sim, é muito interessante, mas precisamos voltar às raízes de seu pensamento, e estamos fazendo isso, uma forma de ver o pensamento bakhtiniano está no neo-kantismo. Também Ernst Cassirer – Vygotsky recebeu a influência de Cassirer. Já Freud tem raízes no pensamento de Spinoza. As questões referentes à libido, às relações entre o ego e o id...

Maria Sílvia: E Freud leva em consideração o lado social?

Wolfgang Jantzen: Talvez não, mas também neste caso temos que voltar às raízes e investigar, quem sabe encontremos pontos em comum entre o marxismo, a psicanálise...

Maria Sílvia: Já sobre o conceito de função recursiva que o senhor mencionou repetidamente durante seu mini-curso, ele pode ser adotado para entender como o trabalho se manifesta na atualidade?

Wolfgang Jantzen: Essa função está presente em toda existência humana. De outra forma não poderíamos compreender o processo de desenvolvimento cultural e nem mesmo o processo de evolução como um todo. Na reprodução de todo o ser vivo, em todo esse processo de evolução, nós temos a função recursiva. Todo ser vivo evolui nessa base, sempre recorrendo às formas anteriores de geração em geração, através de *feedbacks* e de *loops* na relação com o meio ambiente.

Maria Sílvia: Então podemos entender que é como resultado da função recursiva que passamos a ter uma nova forma de trabalho?

Wolfgang Jantzen: Os críticos de Marx não se dão conta de grande parte do desenvolvimento moderno na sociedade, não notam que o desenvolvimento da cibernética, o desenvolvimento nas ciências naturais modernas e na tecnologia têm como base o passado.

Maria Sílvia: É na mesma função recursiva que o senhor se baseia quando remete às formas primárias de vida que seriam úteis para se compreenderem as formas complexas?

Wolfgang Jantzen: Sim... Há processos de recursividade, que produzem auto-similaridade em todos os níveis, mas, nível a nível, os processos se tornam mais complexos, e esta similaridade é a auto-similaridade de todos os seres humanos. A auto-similaridade presente na sociedade humana é, à sua maneira, a auto-similaridade presente no início do desenvolvimento do ser humano. E a similaridade da expropriação presente na produção capitalista contemporânea está vinculada ao desenvolvimento do dinheiro e ao uso deste dinheiro para a apropriação e a exploração da força de trabalho, ou seja, há uma similaridade entre as formas de expropriação capitalista contemporâneas e as formas primárias de capitalismo.

Maria Sílvia: Assim podemos dizer que há uma forma similar de se olhar para os organismos vivos e para a vida social?

Wolfgang Jantzen: Sim, sim, há um grande número de princípios iguais, mas há diferenças, pois a função recursiva, na sociedade humana, adquiriu uma outra qualidade, em função da linguagem e em função do trabalho...

Maria Sílvia: Ah, que interessante, pela linguagem e pelo trabalho... Uma outra qualidade...

Wolfgang Jantzen: A linguagem e o trabalho, por estes meios foi construída a memória da sociedade.

Maria Sílvia: A memória?

Wolfgang Jantzen: Eles deram forma à história, à memória histórica de grupos de pessoas e da sociedade. Foi com base em ambos que a cultura foi produzida.

Maria Sílvia: Sei...

Wolfgang Jantzen: O princípio da cultura foi o trabalho...

Maria Sílvia: Ah, sim...

Wolfgang Jantzen: Mas esse tipo de cultura, para produzir e reproduzir a memória histórica, baseou-se no artefato – como isto aqui, que é um artefato (referindo-se ao próprio gravador), ou meus óculos...

Maria Sílvia: Vou passar a uma outra reflexão que me chamou a atenção no decorrer de seu curso...

Wolfgang Jantzen: Certo...

Maria Sílvia: No século XIX, alguns estudiosos da linguagem se referiam a ela como a um ser, ou um organismo vivo. O estruturalismo opôs-se a essa abordagem. O senhor acha que essa noção de linguagem enquanto ser vivo já tinha alguma semelhança com o pensamento de Spinoza presente naquele mesmo momento, ou não, era completamente diferente?

Wolfgang Jantzen: Não é a mesma questão, mas a língua é, de fato, um ser vivo. Muitos artigos têm sido publicados recentemente na área da neurociência, e eles dão sustentação ao fato de que a língua é mesmo um sistema vivo desenvolvido na base das ações. A pesquisa comparativa realizada nos neurônios de espelho do cérebro de seres humanos e de macacos mostra que os neurônios sofrem movimento. Aquilo que gera a unidade da linguagem deriva da organização paradigmática, que significa organização hierárquica e espacial da linguagem, e da organização sintagmática, a qual significa organização no tempo, organização cinética. O estudo dos distúrbios da afasia apontam principalmente para perturbações na ordem paradigmática, nas conexões. E é possível superar esses problemas – Luria mostrou isso – em alguns tipos de afasia dinâmica, como acontece com pacientes que sofrem da doença de Parkinson, que não conseguem ativamente fazer interligações, mas se você lhes fornecer uma estrutura com textura, como pequenos pedaços de papéis, então eles vão conseguir produzir sentenças. Essas pesquisas têm mostrado que a linguagem, que a fala são sempre processos, são fluentes, com isso se percebe que aquilo que Chomsky quis mostrar, com relação à forma de aquisição da linguagem, deve ser reconsiderado do ponto de vista de um sistema de ações e de organização espaço-temporal por meio da mente e do corpo no mundo real.

Maria Sílvia: O senhor quer dizer que a visão de Chomsky precisa ser reconsiderada, pois ele não tinha considerado a questão exatamente nesses termos...

Wolfgang Jantzen: Sim, foi uma maneira importante essa do estruturalismo de considerar os fatos, porém não de forma absoluta.

Maria Sílvia: Bem, vou fazer aqui mais uma pergunta, mas sinto que ela já foi em parte respondida: podemos dizer que a função recursiva que o senhor mencionou antes é a base do pensamento dialético?

Wolfgang Jantzen: Gotthard Günther, um filósofo famoso da Alemanha, construiu a teoria lógica da dialética multidimensional, por ela se vê que a função recursiva é a base da dialética.

Maria Sílvia: É importante considerar a questão da contradição e do *Aufhebung* enquanto movimento de superação, de negação e de transformação, quando consideramos a função recursiva?

Wolfgang Jantzen: Não exatamente no sentido hegeliano. Hegel trouxe a questão do movimento que nunca havia sido trabalhada na filosofia, exceto em Spinoza. Para entender o mundo em seu movimento na história, a filosofia de Hegel foi muito importante. E ele construiu sua filosofia em termos ideais, mostrando que pode ser produzida uma forma melhor de desenvolvimento.

Maria Sílvia: Entendo que há um movimento recursivo e dentro desse movimento há conflito, contradição, e no movimento recursivo temos também supressão...

Wolfgang Jantzen: Não exatamente. O movimento recursivo pode produzir ressonância ou dissonância. Nos termos de Spinoza, podemos ter ressonância, que implica supressões, contradição. Preciso encontrar aqui a palavra que estou querendo dizer: sustentabilidade. Através da função recursiva, temos que produzir soluções e não novos problemas. Esta é uma outra forma de pensar na função recursiva.

Maria Sílvia: O senhor disse que “ressonância” é um conceito físico... da Física Quântica?

Wolfgang Jantzen: Não... faz parte da Eletromagnética.

Maria Sílvia: Tenho uma outra questão que diz respeito a uma afirmação clássica de Marx: “A anatomia do homem é a chave para a compreensão da anatomia do macaco”. Eu gostaria de saber como o senhor entende essa afirmação, ou, em outras palavras: ela também tem a ver com a postulação da função recursiva?

Wolfgang Jantzen: Temos aí implícita a relação dialética entre o lógico e o histórico. Há aí questões muito complexas: por meio de processos sociais chegamos a questões que foram desenvolvidas antes na Matemática, nas equações iterativas: o resultado de um primeiro passo influencia o resultado de outro, e assim por diante. É a mesma lógica que está presente na teoria da função recursiva na cibernética. Neste sentido, a postulação de Marx era muitíssimo avançada: Marx tinha uma idéia da recursividade, da função recursiva iterativa.

Maria Sílvia: Da minha parte, eu entendo que Marx estava querendo dizer que, para compreender o que se passa hoje com o ser humano, não precisamos empreender o percurso linear que conduz do passado para o presente: podemos fazer o trajeto contrário, do presente para o passado....

Wolfgang Jantzen: Sim, sim, se você quer entender as teorias você tem que fazer os dois percursos, daqui para lá e de lá para cá, você tem que mudar a perspectiva. Deixe-me dar um exemplo: você nunca vai entender Freud se não entender o seu projeto. É importante ir para o começo, vir para a modernidade, fazer diversos percursos.

Maria Sílvia: Bem, vou passar para uma outra pergunta bastante polêmica hoje em dia: podemos ou não dizer que há formas culturais mais avançadas? Nessa medida, como podemos interpretar a tendência atual do multiculturalismo e para a consideração da equivalência entre culturas diferentes?

Wolfgang Jantzen: Em certos aspectos, podemos falar em termos de formas culturais mais desenvolvidas, particularmente no sentido da conquista de direitos humanos fundamentais.

Maria Sílvia: O senhor quer dizer que no sentido moral, ético, há desenvolvimento?

Wolfgang Jantzen: Sim, no sentido do desenvolvimento do senso de dignidade, neste sentido, dos direitos humanos comuns, eu acredito que temos o desenvolvimento cultural.

Maria Sílvia: É que existe hoje entre nós uma postulação de conotação política que não admite que se fale em formas mais avançadas ou menos avançadas, ou se fazemos referência a culturas primitivas, muitas vezes não se admite essa referência nesses termos, a culturas primitivas...

Wolfgang Jantzen: Cada cultura é a mais desenvolvida a seu tempo, mas há também evolução e involução na cultura. Não direi que é melhor, mas poderei dizer que é mais humana no que diz respeito ao cumprimento dos direitos humanos. Temos a convenção anti-racista, a convenção anti-sexista, e a convenção referente às necessidades especiais é uma das últimas.

Maria Sílvia: Sabemos, por outro lado, que Vygotsky nos seus trabalhos sobre a arte referiu-se a formas superiores ou mais avançadas de arte. Mas aqui no Brasil normalmente não aceitamos que se diga que algum tipo de cultura seria mais desenvolvido que outro... pois se dizemos que é mais desenvolvida é como se disséssemos que é necessariamente melhor...

Wolfgang Jantzen: Sim, eu entendo, são questões difíceis, muito presentes em países que sofreram algum tipo de colonialismo. Depende muito do que entendemos por ser melhor: se queremos dizer que é um jeito melhor de organizar a humanidade, para organizar as emoções. Eu não diria que a nona sinfonia de Beethoven é a melhor forma de cultura para todas as situações; em algumas situações, a nona sinfonia de Beethoven vai me tocar emocionalmente....

Maria Sílvia: E no trabalho com a educação popular, o senhor acha que devemos motivar para que as pessoas venham a adquirir essa ligação para com a cultura considerada mais avançada, como no caso da cultura erudita?

Wolfgang Jantzen: Não necessariamente. Nós temos que buscar de alguma forma contribuir para organizar a esperança, para organizar os sentimentos reais com relação a sua própria dignidade.

Maria Sílvia: É que como educadores muitas vezes ficamos em dúvida sobre esse ponto, se podemos nos contentar com a vivência com a cultura popular, ou se seria necessário motivar outras necessidades, outros hábitos culturais...

Wolfgang Jantzen: Não podemos desenvolver necessidades, nós contribuimos para o desenvolvimento das pessoas, e as pessoas vão formular suas próprias necessidades, só assim elas poderão superar seus medos, superar a opressão, e, acima de tudo, superar a convicção de que são ruins... Para isso precisamos estar sempre em diálogo, em comunicação com as crianças, com os adultos e escutar o que eles estão sentindo, aprender com eles. Eles têm necessidades e nós precisamos conhecê-las, saber como eles preenchem essas necessidades, talvez nós possamos ajudá-los a perceber melhor essas necessidades e melhorar seu sentimento de dignidade. As pessoas têm que sentir que nós as respeitamos, então nós conseguiremos trabalhar junto com elas.

Maria Sílvia: Na linha de Paulo Freire, então.... E eu sinto que o senhor está querendo dizer que a educação não pode se dirigir apenas ao lado intelectual do ser humano, precisa se desenvolver uma relação humana, afetiva...

Wolfgang Jantzen: Sim, sim....

Maria Sílvia: Bem, em outro momento o senhor falou que acreditava que o conhecimento geral seria acessível a todos...

Wolfgang Jantzen: Sim, o conhecimento geral, não todo o conhecimento... Não se trata do conhecimento acadêmico. É o desenvolvimento de cada modo, é possível dar sustentação a cada modo em seu desenvolvimento.

Maria Sílvia: Isso significa que o senhor pode se fazer entender por diferentes pessoas, cada uma a seu modo, fazendo com que sua teoria se torne compreensível. É uma questão de modo.

Wolfgang Jantzen: Sim, do desenvolvimento de cada modo, cada modo com sua estrutura própria, de tal maneira que cada pessoa também possa desenvolver muita responsabilidade pelas outras pessoas e pela sociedade.

Maria Sílvia: Professor Jantzen, agradeço muito por ter me concedido esta entrevista. Devo reconhecer que aprendi muito hoje e, acima de tudo, que recuperei as forças de que necessito para a luta que temos pela frente!...

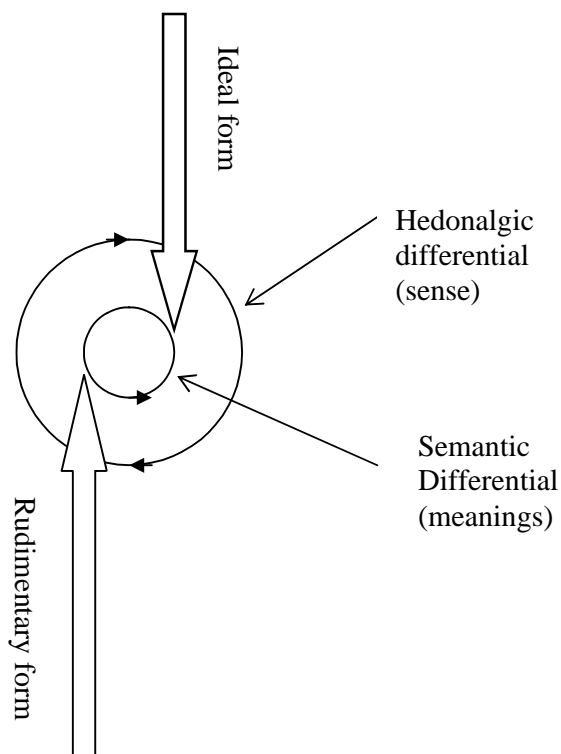
Wolfgang Jantzen: Bom, bom, muito bom!

Para finalizar este escrito – com características de gênero híbrido (artigo, ensaio, relato, entrevista) – gostaria de deixar algumas referências que servem de entrada ao pensamento de Jantzen, em grande parte formulado em língua alemã. Antes, porém, faço menção a mais um detalhe que me chamou a atenção no decorrer do mini-curso. Foi quando Jantzen nos contou de certo momento em sua trajetória acadêmica, em que disse a um colega de departamento que pretendia aprofundar-se no conceito vygotskiano de “zona do desenvolvimento próximo” (às vezes traduzido do inglês como “zona do desenvolvimento proximal”). Seu colega estranhou esse interesse de pesquisa, considerando que era já assunto por demais conhecido e não haveria mais nada que se tirar dali. Jantzen, porém, levou adiante seu empreendimento, movido por questões que se relacionavam com a busca de uma compreensão mais aprofundada da própria abordagem histórico-cultural, com toda a complexidade que comporta. Os resultados de suas pesquisas nessa área apontam, entre outros aspectos, para o conceito de *dominante* e para a consideração da “zona de desenvolvimento próximo” como espaço de ressonância que se transforma em reciprocidade.

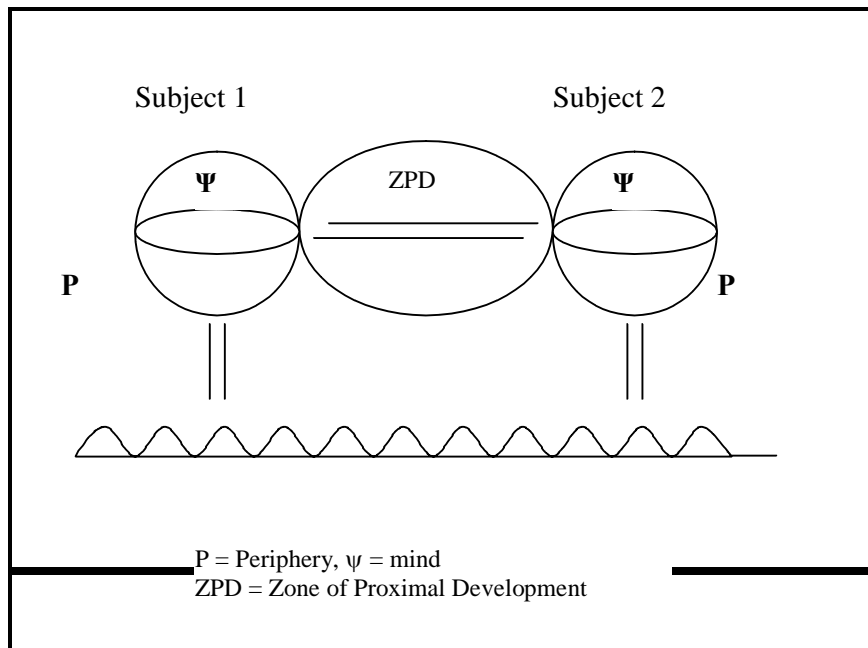
Seguem alguns gráficos elaborados por Jantzen e cedidos a nós no decorrer do mini-curso, os quais sinalizam a complexidade da questão envolvida na ZDP. O terceiro gráfico implica a noção vygotskiana de “zona de desenvolvimento próximo” e também o conceito bakhtiniano de “cronotopo”. Vale notar que as ondulações que aparecem abaixo do segundo e do terceiro gráfico apontam para as implicações em termos de energia, ressonâncias, vibrações; enquanto que as diversas setas aludem à função recursiva sempre presente.

Tudo indica, em meu entender, que melhor faremos se, na linha da humildade intelectual de Jantzen, também nos dispusermos a perceber que temos muita pesquisa pela frente, dentro de uma área que ainda não foi suficientemente explorada por nós e que nos interessa sobremaneira, particularmente no campo de estudos da Linguística Aplicada.

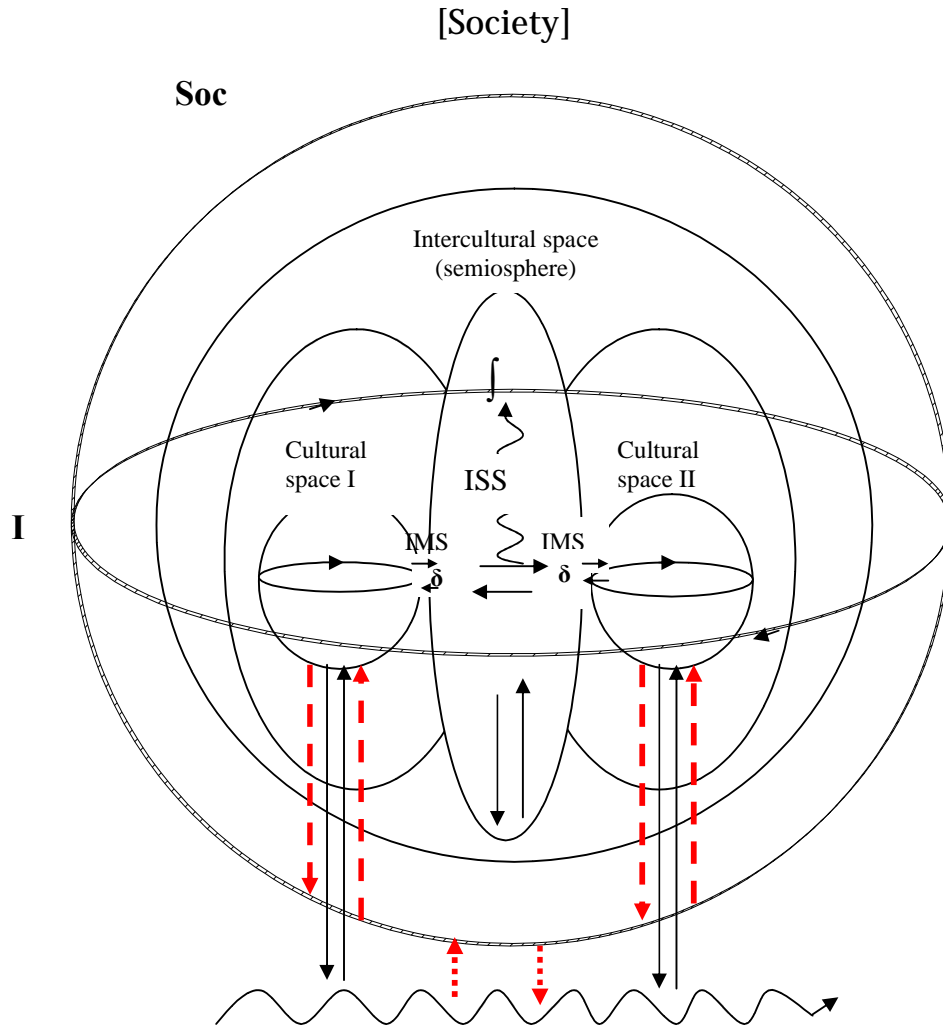
The mechanisms of transformation within the ZPD



Structural coupling and the Zone of Proximal Development



Subjective spaces and inter-subjective spaces II



Ψ = mind; IMS = intermediary space; ISS= intersubjective space
Soc = society (by the character of commodity), **I** = the ideal (semiotic and allosemiotic structure)*

* *Semiospheres (Lotman) semioticise (by the way of semantics) allosemiotic spaces in the noosphere who are objectively given by human practice (change of the biosphere by human production); the Ideal (Il'enkov) is something more as the semioticised content of the semiosphere. It exists objectively semiotically also as allosemiotically [the substance of value existed always before being discovered and semioticised by Marx]*

Red arrows

- between society and nature: mediation by production as [social] constant of nature (by the form of commodity as contradicting unity of the form of value and the natural form of the product)
- between individual and society: mediation by labour as [social] constant of nature in the twofold unity of concrete labour (goods producing labour) and the quantity of abstract labour (amount of energy flow in a given period)

Referências:

- JANTZEN, WOLFGANG. The Spinozist programme for psychology: An attempt to reconstruct Vygotsky's methodology of psychological materialism in view of his theories of emotions. In: ROBBINS, DOROTHY; STETSENKO, ANNA (Eds.): *Voices within Vygotsky's non-classical psychology: Past, present, future*. New York: Nova Science, 2002, 101-112. (Tradução em espanhol: El Programa Spinozista para Psicología: Un intento de reconstruir la metodología del materialismo psicológico de Vigotsky, bajo la perspectiva de su teoría de las emociones. *Eclecta – Revista de Psicología General*. 3, 2005, 9/10, 21-28).
- JANTZEN, WOLFGANG. *Towards a new understanding of the „Zone of proximal development*. Lecture at First ISCAR Conference. Seville, 2005 (em fase de publicação no Brasil).
- JANTZEN, WOLFGANG. Alexander R. Luria and the theory of functional systems. In: D. DIETRICH et al. (Eds.). *Simulating the Mind: A Technical Neuropsychanalytical Approach*. Berlin: Springer 2008, 381-39.
- JANTZEN, WOLFGANG. The evolution of subjective sense. *Multidisciplinary Newsletter for Activity Theory*. ISCRAT. Berlin, 15/16 (1994), 4-8 (Tradução em espanhol em: *Revista de Psicologia General*, 7, 2009).
- JANTZEN, WOLFGANG. The problem of the will in the late work of Vygotskij and Leont'evs solution to this problem. *Human Ontogenetics* 3, 2009, 1-7 (disponível em: www.humanontogenetics.com).